

Gatos fidalgos, cálculos renais e as humanidades dos animais de estimação

Noble cats, kidney stones and the humanities of pets

Jean Segata

jeansegata@gmail.com

Doutor em Antropologia Social

Professor do Departamento de Antropologia da UFRN

RESUMO

O ponto de partida desse trabalho é o da humanização dos animais de estimação. Em geral, ela é discutida a partir da ideia de que estendemos a eles aquilo que para nós é tomado como cultura. No entanto, nesse trabalho, a partir da descrição de um procedimento clínico para a retirada de cálculos renais de um gato gordo, o que se passa a questionar é que as equivalências que marcam as continuidades entre humanos e animais em contextos urbanos se valem igualmente daquilo que valorizamos por natureza. Nesse sentido, o objetivo é mostrar que algumas transformações recentes nas relações entre humanos e animais, especialmente ligadas a novas formas de diagnóstico e tratamento medicalizado fornecem mais do que propriedades simbólicas sobre os animais, tomadas como meios para pensar as sociedades humanas. Antes, elas permitem repensar o lugar dos animais na composição disso que chamamos de social e, por conseguinte, no lugar deles no debate antropológico contemporâneo.

Palavras-Chave: Animais de Estimação, Humanização, Antropologia.

ABSTRACT

The starting point of this work is the anthropomorfization of pets. The discussion usually brings about the idea that we extend to them what we consider culture. However, this paper tries to find out, from the description of a clinical procedure for removing kidney stones from a fat cat, the equivalences that characterize continuities between humans and animals in urban contexts, and if it is also applied to what we value as nature. Moreover, in this sense, the goal of this research is to show that some recent changes in the relations between humans and animals, especially related to new forms of diagnosis and medical treatment, provide more than symbolic properties on animals taken as means to think about human societies. Nevertheless, they allow rethinking the place of animals in the composition of what we call social and their place in the contemporary anthropological debate.

Keywords: Pets, anthropomorfization, Anthropology.

Talvez o ser e o mundo humano não devam ser pressupostos para poder alcançar pela via da subtração - por meio de uma observação destrutiva - o animal; talvez seja verdade também o contrário, isto é, que a abertura do mundo humano possa ser alcançada apenas por meio de uma operação efetuada sobre o não aberto do mundo animal.

Giorgio Agamben – O Aberto

Entre os anos de 1940 e 1960, Gilberto Freyre foi colaborador da revista *O Cruzeiro* dos *Diários Associados* de Assis Chateaubriand, fundada em 1928. Ali, sob o título genérico de *Pessoas, Coisas & Animais*, apareceram crônicas sobre personalidades daquele período, fatos políticos e histórias do cotidiano desse tempo. Em fins dos anos de 1970, essas crônicas e outros trabalhos publicados em jornais da época, como o *Jornal do Comércio*, o *A Manhã*, o *Jornal do Brasil* ou o *Diário de Pernambuco*, foram reunidos em um livro sob o mesmo título das colaborações d’*O Cruzeiro*. Nele, como comenta Fonseca (1980), organizador e apresentador do volume, é na *proustianidade* literária de um *open minded* e na perspicácia antropológica com uma *Weltanschauung* tão generosamente abrangente, que se pode encontrar um Gilberto Freyre prolixo em pontos de vista sobre o que se denominava na época por “cultura brasileira”. Em *Animais* - a parte que menos se destaca em termos de volume na coletânea de Freyre - essa cultura, entre outras formas, é representada pelo gato “aristocrata” do velho antropólogo pernambucano. Ele é o personagem central de “Recordação de Joujou” - uma crônica publicada originalmente no *Diário de Pernambuco*, em abril de 1969, que reproduzo na íntegra aqui:

“Recordo-me de Joujou como se ele tivesse sido quase pessoa de minha casa, quase membro de minha família, no tempo em que eu, solteiro, um tanto boêmio e sempre em viagens pela Europa e pelos Estados Unidos, vivia ainda no Recife com minha velha gente - vida de filho e não ainda de pai. Entretanto, era esse Joujou um animal e às vezes chegava a parecer simplesmente uma coisa: uma almofada branca e felpuda, perdida no silêncio dos meios-dias em algum recanto mais sombrio da sala de visitas: uma sala de visitas à antiga moda patriarcal.

Já não me lembro por que se chamava Joujou. No seu caso era um desses nomes irônicos que nos surpreendem não só em pessoas como em animais. Era gato e não gata. E gato másculo, grande, maduro, valente que de noite parecia um felpudo cão de raça que guardasse a casa. Enfrentava então cães vadios e gatunos afoitos com uma superioridade magnífica não só de inteligência como de força. Guardava a casa como se fosse um cão não direi policial, mas militar militante.

Não era só à noite que se revelava um vigilante amigo da família e da casa. Também de dia. Gostava, é certo, de dormir ou ronronar longa e fidalgamente entre coxins de paxá. De mostrar-se orientalmente volutuoso, embora sempre digno e sempre aristocrático em seus ócios. E sem deixar de cumprir com um rigor inglês do tempo da Rainha Vitória obrigações que tomara para si, sem que ninguém as tivesse exigido dele. A vigilância dos livros contra os ratos, por exemplo.

Movia-se então entre jarros ou vasos cheios de flores com a agilidade e a leve graça de um bailarino russo que dançasse balês sem perder a dignidade inglesa e a majestade vitoriana que em Joujou era uma constante. Realizava acrobacias que pareciam impossíveis de ser realizadas por um gato tão corpulento; tão arredondado pela alimentação farta de animal lorde. E nunca o mais astuto rato destes Recifes conseguiu tocar num livro, num papel velho, num mapa antigo dos que, durante anos, estiveram sob a guarda de Joujou.

Ainda que se chamasse Joujou, não brincava senão com adultos que considerasse ilustres. Gostava apenas de gente velha e, ao seu ver, de “bem”. Mas sem ser exuberante nos seus afagos de aristocrata. Também nisto era um tanto inglês: no pudor de sua ternura. Era sóbrio. Chegava a ser secarrão, comparado com os gatos efeminados ou cortesãos e até obcenos que só faltam desmanchar-se em agrados às pernas dos donos e principalmente das donas. Fazia suas carícias aos velhos da casa. Mas discretamente, sobriamente, fidalgamente. E quanto ao sexo, descarregava-o em gatas da redondeza com uma discrição e até com uma hipocrisia digna também de *gentleman* vitoriano.

Detestava menino. Criança não era com Joujou. Nem criança nem adolescente. Nem mesmo gente simplesmente moça. Quando a casa era invadida por parentes dos donos que trouxessem crianças, Joujou desaparecia como por encanto. Escondia-se em recantos misteriosos que só ele e as pessoas mais antigas da casa conheciam. Desaparecia no meio de sombras quase do outro mundo. Entre móveis patriarcais. Sumia-se como se fosse gato de bruxedo. Ou de história da carochinha.

E só reaparecia ao sentir, já distantes de casa, os bárbaros que eram para ele todas as crianças. Reaparecia então triunfante e tranquilo. Sentindo-se, mais do que dantes, pessoa antiga e eterna da família. Pessoa adulta e propecta que só se sentisse bem entre adultos e propectos.

Não se pense que em Joujou nada houvesse de francês além do nome impróprio. Eram franceses certas de suas atitudes críticas de indagação, de sondagem de ambientes. De discriminação de personalidade entre as pessoas que viessem visitar os seus velhos donos. Atitudes francesas, manhas latinas, astúcias italianas. Alguma coisa de eclesiástico, de jesuítico, de saint-sulpiciano fazia de Joujou um diplomata. E era um diplomata com estranhos sem deixar de ser um sincero amigo das pessoas da casa.” (FREYRE, 1980a, p. 377-379)¹.

Em “Recordações de Joujou” como em outros dos trabalhos de *Pessoas, Coisas & Animais*, Freyre (1980b, 1980c) sugere que eles e o *bicho*, formam um complexo de vasta projeção simbólica sobre formação social e psicológica do brasileiro. Dentro dela, cabem coisas vagas, reais e imaginárias - o bicho faz medo, está na mata, na casa, dentro do corpo. É o monstro, o mito, o jogo e o fantasma em forma de animal. Dele se corre, dele se aproxima. Dos bichos de pé e lombrigas nos intestinos dos escravos à individualização de Joujou, o gato fidalgo, gente da família, de humor inglês-aristocrático, atitudes francesas e manhas latinas, Freyre forma e diferencia imaginários nacionais. Contudo, malgrado a beleza poética da descrição daquele gato - quase gente, quase coisa - ao longo desse trabalho eu procuro mostrar que os animais não fornecessem apenas uma projeção sobre formações sociais - mas que eles mesmos compõem isso que amplamente chamamos de social. Para tanto, eu me apoio em um trabalho etnográfico que além das “Recordações de Joujou” inclui a descrição do atendimento de um gato com problemas renais em uma clínica veterinária no interior do Estado de Santa Catarina.

Talvez alguns gatos sejam apenas gatos. Joujou não, mas há muitos *joujous* por aí. Os hábitos daquele de Freyre o fazem ser visto como pessoa adulta, propecta e diplomática - ao mesmo tempo um cão de guarda, um fanfarrão ou um *gentleman* em discrição e hipocrisia. Falar de si através de um animal talvez não se resuma a uma simples projeção simbólica, mas um modo de fazer emergir um sujeito produzido na relação. Nesse caminho, em Joujou até podemos ver Freyre ou um Brasil aristocrático dos poucos que podiam viver em viagens pelos Estados Unidos e Europa na primeira metade do século XX, o que não podemos mais, é ver em Joujou *apenas* um gato. Além disso, a capa

da edição de *Pessoas, Coisas & Animais* de onde eu tirei as “Recordações de Jójou” traz Freyre retratado numa majestosa poltrona de couro com estantes com livros ao fundo e escritos desordenados à sua frente. Talvez esse fosse o seu escritório, e talvez fosse dali que ele observava a fidalguia de Jójou. Mas não haveria de aparecer o gato em algum momento? Quem alimentava Jójou, limpava o cocô de algum canto da casa ou trocava a areia da caixa e o mantinha como uma almofada branca? Nos tempos de hoje, o pelo felpudo é garantido com *shampoo* especial e secagem em câmara de micro-ondas, sem esquecer-se da ração selecionada, que adiciona um pouco brilho a tudo. A virilidade e astúcia precisam ser preservadas com as doses certas de vacinas e boa nutrição. Quem fazia a manutenção dessa aristocracia vitoriana não permitindo que Jójou se tornasse apenas um gato?

O tema que atravessa esse trabalho é a chamada “humanização dos animais de estimação” e a questão que desejo levantar é a de que ainda que isso se valha de uma ideia generalizada de que eles partilham com os seus humanos toda uma sorte de aparatos que os euroamericanos, especialmente os antropólogos, valorizamos como cultura - como a mesma casa, as roupas, os alimentos processados, os cuidados médicos e estéticos e alguns direitos e moralidades, no contexto específico que tenho pesquisado nos últimos anos - aquele dos meios urbanos, em particular, das *pet shops* e clínicas veterinárias - os diagnósticos e os tratamentos médicos desses animais parecem se sustentar na equivalência biológica entre eles e os humanos. Exemplos disso são os *holters* de glicose que monitoram e medicam o efeito da insulina em cães e gatos diabéticos, o ecocardioma com *doppler* colorido e tecidual para a avaliação do ritmo cardíaco, a eletroquimioterapia e a criocirurgia utilizadas em tumores e em animais com câncer e é claro, o que se tornou o centro do meu trabalho nos últimos anos, os cães com diagnóstico de depressão, que têm a sua qualidade de vida recuperada a partir de intervenções medicamentosas à base de psicotrópicos (SEGATA, 2011; 2012b; 2012c).

A loja de Marcos

Cheguei às *pet shops* e clínicas veterinárias com o propósito de pesquisar o uso de tecnologias biomédicas voltadas à saúde e estética de animais de estimação. Não tenho cães ou gatos, tampouco me engajo nos crescentes movimentos de defesa dos animais. Mas na primavera de 2007, enquanto eu conversava com uma amiga o seu telefone tocou e às pressas ela foi saindo e explicando que da clínica avisavam que a sessão de hemodiálise da sua cachorra tinha terminado. Sem tempo para os detalhes, sobrou daquilo uma grande curiosidade que me motivou à busca e revisão de literaturas sobre o tema, à participação em eventos e à elaboração de um projeto. Um pouco mais tarde, depois de passagens por algumas clínicas veterinárias que anunciavam serviços de alta tecnologia onde a ideia de pesquisar relações entre humanos e animais não foi bem aceita, em fevereiro de 2009 passei a acompanhar do trabalho de dois veterinários em uma *pet shop* com clínica veterinária da cidade de Rio do Sul, no interior de Santa Catarina.

Rio do Sul é a principal cidade de uma região chamada de Alto Vale do Itajaí. Trata-se de uma cidade jovem; tem pouco mais de oitenta anos. Ela foi formada a partir da imigração alemã e italiana e tinha até poucas décadas uma economia baseada essencialmente na agricultura e no extrativismo madeireiro. Contudo, com a grande expansão do comércio e o aparecimento de indústrias de porte médio, ele teve o seu rápido desenvolvimento oportunizado. Em pouco mais de trinta anos, Rio do Sul se transformou bruscamente: até os anos de 1980,

mais de 70% de sua população vivia em áreas rurais e hoje, cerca de 80% dos seus 60 mil habitantes, vivem na sua área urbana, que continua se expandindo. Disso resulta que a sua economia e vida cotidiana passou a ser baseada nas demandas da vida urbana - o comércio que se expandiu nos últimos anos deixou de ser aquele voltado às atividades agropecuárias e passou a se dedicar ao ramo de vestuário, bares e restaurantes, comércio eletroeletrônico, mobiliário e decoração e redes de supermercados. Com isso, as próprias lojas agropecuárias, aos poucos, foram se tornando *pet shops* e os próprios serviços de medicina veterinária, antes dedicados aos animais “funcionais”, como bovinos, equinos ou caprinos, passou a se reconfigurar para o atendimento dos menores, como cães e gatos, especialmente, os de estimação. Nisso, especificamente, importa saber que ainda que entre 2006 e 2010, ainda que população da cidade não tenha crescido significativamente, o número de *pet shops* e clínicas veterinárias aumentou de 36 para 84 estabelecimentos nesse período, muitos deles, em função do fechamento ou redireção de lojas agrícolas. Era com essas mudanças de cenário que Marcos, o dono da loja onde eu fazia meu trabalho de campo, situava o seu negócio, um dos pioneiros da cidade, funcionando há mais de trinta anos.

O início da “Loja de Marcos” remonta ao início dos anos de 1980. Período em que um novo horizonte para a medicina veterinária se anunciava com a expansão do que se convencionou no Brasil a chamar de “segmento pet”. Franklin (1999) coloca a década de 1960 como o momento em que os modos de relação entre os seres humanos e animais sofrem profundas transformações. Para o autor, nesse período, é que a ideia de animal de estimação (no inglês *pet*) se populariza e passa a investir numa espécie de normalização ou padronização desses animais, subsidiada pelo alimento generalizado entre eles - o consumo de biscoitos industrializados e rações. Após a ração padrão, a próxima década viu o surgimento de serviços de nutrição e médicos especializados, e uma variedade de brinquedos, roupas, perfumes e acessórios para estes animais. Como ele escreve, “the list of available services has grown considerably. Most involve extensions of human facilities to pets and cover every aspect of pet’s life from cradle (literally) to grave” (FRANKLIN, 1999, p. 92). De fato, para um observador como eu, pouco familiarizado com esses ambientes, a sensação de ter entrado em novo mundo, habitado por entidades das mais estranhas naturezas, foi imediata. Do sofá da pequena sala de recepção eu observava o lugar, sob o som de alguns latidos, misturados ao som da campainha um de telefone tocando, o motor de um cortador de grama e os ruídos dos aparelhos de ar condicionado que não davam conta de refrescar aquele calor de fevereiro. Lá eu ouvi muitas histórias comoventes de pessoas que trouxeram seus animais de estimação, enquanto esperavam por eles serem atendidos. Do outro lado da sala, uma espécie de trincheira formada pelo empilhamento de sacos de ração formava um corredor para a entrada da loja. A maioria das rações era para dietas especiais - algumas incluindo as proteínas especiais, outras eram para cães vegetarianos, algumas específicas para a amamentação, a menopausa ou para o desmame, além daquelas para o crescimento. Havia também as rações destinadas a animais com características anatômicas particulares, tais como aquela para animais com a boca muito pequena ou achatada e outras que eram divididas por idade, ou o tipo de pelo - mais liso, mais curto, etc. Pessoas vestindo jalecos brancos, ossos desidratados ou de borracha, - alguns coloridos, doces ou salgados. Roupas, jóias, cestas, tapetes, brinquedos, óleos de massagem, medicamentos, remédios naturais, chás e pomadas formavam um mosaico ao lado de um cartaz bem envelhecido, que tinha a imagem de um cão vestido com um *bonné rouge*, lenço no pescoço e óculos de sol, sentado nos jardins do *Champ de Mars*, na frente da Torre Eiffel, anunciando um perfume canino, inspirado numa fragrância de Christian Dior.

Na outra parte da loja os proprietários de animais, em geral, não tinham acesso, já que ali se realizavam os procedimentos médicos. Logo que se passava por um pequeno corredor, o primeiro cômodo que se encontrava que se destinava a colocação de curativos, retirada e pontos ou aplicações de vacinas. Seu mobiliário consistia em uma mesa de mármore onde os animais foram examinados, cercado por vários balcões e prateleiras onde eram guardados mais medicamentos e instrumentos, especialmente para assepsia, curativos ou retirada de pontos. Desse balcão, subiam estantes com muitos livros - algumas coleções, como *A Ortopedia dos Pequenos Animais*, *Cirurgia Abdominal* ou *Fisiologia Animal Moderna*, que eu pegava para folhear, às vezes. Era também de lá que Marcos sempre tiraria um imenso glossário de *Farmacologia Veterinária* para se certificar das dosagens exatas dos medicamentos que administrava. No mesmo espaço ficava o escritório onde era realizada a triagem e onde se preenchiam os formulários e receituários. A próxima sala era utilizada para cirurgias. Aqui, apenas pessoas autorizadas podiam entrar - no caso, Marcos, Paula, eu e Carlos, o recepcionista da loja. Além de mesa de operação, em anexo havia um cubículo que funcionava como sala de raios-X, e onde se guardavam equipamentos para medir a pressão arterial e manter a respiração durante as cirurgias, além do equipamento para a hemodiálise. Finalmente, no final do corredor ficava a sala de internações, onde eram realizados os procedimentos clínicos, como a aplicação de medicamentos e soro e a observação dos animais em recuperação. Este quarto tinha várias gaiolas e canis de vários tamanhos, formando, em alguns casos, alguns andares, como prateleiras. Ali, havia um grande número de cães e gatos internados, sofrendo de diarreia ou vômitos, urinando ou defecando sangue por conta de infecções, de modo que, de manhã, em geral, o cheiro era insuportável neste espaço.

Logo que comecei a frequentar a loja, foi Paula que me mostrou cada um desses espaços. Eu ouvia atento as suas explicações e na maior parte das vezes, seguia ela com um gravador na mão. Como um todo, a loja estava longe de ser equipada com a maioria das tecnologias que eu vinha conhecendo em minhas pesquisas bibliográficas, e que haviam despertado minha curiosidade inicial. Contudo, mesmo que aquele lugar não fosse o mais sofisticado do “mundo *pet*” e sequer o da cidade, ele recebia diariamente muitos clientes. Para muitos deles, era uma questão de referência, já que Marcos estava muitos anos na cidade, e era atencioso e atualizado. Como eu mesmo via, ele se informava sobre as novidades no segmento indo a eventos ou assinando revistas com as quais eu também me informava, lendo-as em segunda mão. Quando eu comentava com ele algo sobre as novidades tecnológicas da medicina veterinária, ele apenas retrucava dizendo que já praticava há muito tempo o que “as máquinas” faziam de um jeito mais fácil. Aos poucos, isso foi definindo meu interesse em focar meu trabalho no acompanhamento de suas práticas. As promessas tecnológicas eram muitas, e cada revista que eu lia trazia mais milagres eletrônicos, e isso me interessava muito. Por outro lado, o que me despertava igualmente o interesse era o de ver como na prática, Marcos e Paula davam conta de responder às demandas cada vez mais exigentes de uma população que também se informava sobre as novidades no segmento *pet*, com aquilo que concretamente eles dispunham para as suas práticas. Dito de outra forma, passei a me interessar pelo modo como eles traduziam aquelas novidades, fossem conceituais, fossem tecnológicas, à sua realidade - transformando ambas. Para isso, na loja de Marcos eu passei os nove meses que se seguiram, nos quais, logo no início, foi onde eu experimentei uma das minhas primeiras participações em um procedimento clínico durante o meu trabalho de campo: a desobstrução da uretra de um gato gordo, que sofria com problemas renais.

Um novo Jouvou

Sem muito sucesso, Marcos tentava inserir a sonda até a bexiga do gato. Ao que tudo indicava, ele vinha se alimentando mal e aquela tarde de fim de março começaria com novidades. Fazia algum tempo que eu aguardava ansioso para assistir algum procedimento cirúrgico. Como eu não ia todos os dias até a loja ou ficava apenas em algum dos seus turnos, já havia se somado um bom número deles em horários que eu não estava lá.

O gato era enorme e pesaria tranquilamente cinco quilos ou até mais - bastante para um gato comum. Comum, porque na loja eu já havia me habituado a chamar os cães pelo seu “nome de batismo” ou pela sua raça quando eu sabia qual era. Agora, entre os gatos, contanto que não fossem persas ou siameses eram sempre gatos comuns. Este tinha pelagem preta por quase todo o corpo, à exceção da parte inferior do abdome, que era branco-pérola num faixa que subia até ao redor da boca.

Segundo Marcos, nos últimos anos problemas renais em gatos de estimação apareciam com cada vez mais frequência na loja, especialmente por conta do consumo de rações de baixa qualidade. Dietas de animais de estimação era um tema em pauta na loja e fora dela têm motivado discussões em torno da humanização que eles ganham nos últimos anos.

“Não é fácil”, repetia o veterinário balançando a cabeça, enquanto preparava os instrumentos. O pênis do gato era minúsculo, chegaria a pouco mais de um centímetro, dois talvez, dado o seu esforço em puxá-lo pela glândula para fora do prepúcio. Antes disso, para localizá-lo, foi preciso raspar os pelos ao entorno do local com uma *gillette* daquelas mais antigas, as quais se abre a parte superior do aparelho girando um mecanismo de seu cabo e introduzindo uma lâmina larga de dois lados com corte. O gato sangrava um pouco onde lhe fora feita a depilação, o que, segundo ele, era normal, já que eles têm o pênis muito pequeno e com uma uretra muito estreita, mesmo para sondas mais finas.

Paula estava junto e limpava o sangue com uma compressa de gaze. Agora, e à medida que o processo ia acontecendo, o fluxo aumentava e coloria o inox da mesa. O gato continuava desacordado, deitado de lado, com a cabeça um pouco virada e encostada no tampo. A boca entreaberta que fazia aparecer as pontinhas dos dentes e os olhos com um pouco do branco à mostra fitando lugar nenhum, davam-lhe um aspecto de gato morto.

O “até que enfim...” de Marcos sinalizava que a sonda havia entrado quase um centímetro - sobrava ainda mais uns dez dela. Imediatamente o tubo de plástico transparente foi se enchendo de sangue e tão curta quanto a sua inserção na uretra do gato, foi a comemoração do veterinário: os cálculos estavam interrompendo a passagem e o instrumento não entrava mais que aquilo.

Eu estava preocupado com o que se poderia fazer, e Marcos me explicava que no caso de seres humanos, além de cirurgia, tinha muita coisa disponível, mas que no caso do gato, aquilo era melhor e logo daria certo. Segundo o veterinário, era comum hoje o uso de medicamentos de dissolução de cálcio e da litotripsia extracorpórea, que consiste em um tratamento por ondas de choque que forçam a quebra das pedras no aparelho renal. Por se tratar de um método não invasivo, ele vem sendo largamente empregado entre humanos desde os anos de 1980e recentemente, ele também vem sendo experimentado em animais, até mesmo associado com a acupuntura (GIOVANINNI & PIAI, 2010). Mas, naquele gato obeso, o veterinário forçaria, empurraria e como resultado, apenas mais sangue saindo no alto do tubo. Paula pegaria outra peça de gaze e limparia

o suor daquela quarta-feira quente de pleno verão, descendo pela testa do pai e perguntaria se ele queria que ela tentasse.

Paula apalpou o abdome do bicho e disse que ele estava todo distendido. E conversaram entre eles, enquanto ela limpava de novo o sangue em abundância. Em seguida, Marcos me oferecia o abdome do gato para que eu também o apalpassse onde ele indicava. De gatos, eu até gostava, mas não naquelas condições. Cara de morto, depilado, ensanguentado e com uma sonda no pênis. Tempos depois eu lembraria disso como “boas vindas”, naquelas imagens exóticas de uma antropologia de tempos idos - na hora, entendi que devia fazê-lo.

Ao me perguntarem se eu havia sentido o quanto a bexiga estava dura, eu concordei com a cabeça, pois não sabia a diferença entre uma bexiga normal e uma distendida. Minha mão ficou cheia de sangue de gato, e eu me incomodei um pouco - Marcos queria me ensinar algumas coisas: nesses desencontros necessários, ele me aproximava da veterinária, e eu me via mais antropólogo. O nosso entendimento começou a tomar forma nas diferenças ou pressuposições que tínhamos sobre as mesmas coisas (pessoas ou animais). Até hoje eu não sei como é uma bexiga distendida, mas pegar numa foi fundamental para entender como se trata um gato com problemas renais; isso domestica o pesquisador e para me posicionar um pouco, eu disse que deveria fazer dias que ele não conseguia fazer xixi, e para mostrar aos dois que eu já havia aprendido algo, afirmei também que ele deveria estar desidratado. Dias antes, Marcos tinha me mostrado que se a pele da nuca do gato quando puxada ficasse às sobras demorando a voltar ao lugar, era sinal de desidratação. E fiz isso no gato gordo.

Enquanto isso, Paula me explicava que esse caso era o mesmo de outro gato do qual Carlos, o “faz tudo” da loja, negociava a internação uns dias antes, que eu conheci depois do procedimento feito. À moda daquele, a história desse também já tomava ares de “novela das oito”, como ela comparava: fazia dias que a dona ligava, tentando saber alguma solução para o gato, para que não precisasse para isso trazê-lo para uma consulta. Os casos dessa natureza eram bem comuns.

Por telefone, a dona do gato disse que ele só não estava conseguindo fazer cocô, que se contorcia um pouco na caixinha de areia e que não saía nada e que era só isso - que estava constipado. Na ocasião, Paula disse pra ela trazer ele aqui, para ver mesmo o que ele tinha, mas ela não queria pagar uma consulta. Depois ligou de novo, numa sexta-feira e disse que deu azeite para ele tomar, para ver se ele fazia cocô, mas que depois de sábado de tarde ele nem se levantava mais. Mas já era quarta e enquanto Paula e Marcos se queixavam da dona do gato, para mim, àquela altura existia apenas uma sonda de uns dez ou doze centímetros cheia de sangue pingando, ocupando toda a sala e os meus pensamentos.

A operação continuava com muita dificuldade. O pênis e toda a região já estavam bastante inchados e como o sangue havia manchado a pelagem branca da barriga do gato, o aspecto fatídico da cena fazia aquilo tudo me parecer um esforço fadado ao fracasso. Eu aproveitei para pegar gaze para limpar o sangue das minhas mãos, e o fiz modo discreto, para que Marcos não pensasse que eu estivesse com nojo. Infelizmente, o sangue tinha secado entre meus dedos e os deixava colantes, com manchas debaixo das unhas. Não haveria problemas, se naquele dia eu não fosse sair da loja direto para o trabalho, dar aulas.

No fim das contas, foram longas três horas de procedimento, regado a sangue, urina, fezes, soro e pelo menos 2/3 desse tempo para que Marcos, Paula conseguíssemos algum progresso, injetando o líquido na sonda e tentando

empurrar aquele tubo para dentro do gato com movimentos que já estavam cada vez mais bruscos. A nossa alegria veio com as pedrinhas que se podia perceber no fundo do recipiente de metal, onde dispensávamos o líquido. O complicado havia passado e o que se seguiria não requereria os trinta anos de experiência do veterinário, de modo que ele pediu que Paula continuasse sozinha comigo, para poder atender a outras urgências da loja.

Nós enchíamos a seringa com soro, injetávamos no gato e em seguida sugávamos dele o líquido que ainda voltava muito cheio de sangue, meio vermelho, meio amarelo; por fim, esvaziávamos a seringa novamente na tigela à minha frente. Náusea. O cheiro era forte e Paula repetiria essa operação umas quatro dezenas de vezes até Marcos voltar de outro atendimento e se dar por satisfeito, explicando como era para fazer o curativo. Segundo ela, se a dona já tivesse deixado ele conosco no sábado, teria sido bem mais fácil - a gente faria isso e depois o deixaria internado, em observação, durante o fim de semana. Depois era só dar um Diazepan para ele que ele já voltaria a comer que nem um morto da fome.

Eu estranhei. Mas era mesmo o medicamento de “tarja preta” que se encontra em farmácias para humanos. Se um gato não come, explicava Paula, era só dar um pedacinho de um comprimido desses que eles dormem, dormem, mas quando acordam, comem tudo o que vêm pela frente. O Diazepan estimula o apetite - e como ela não sabia o porquê, explicou-me que era como quando se fuma maconha: quando passa o efeito, vem a larica.

Mais tarde, eu viria a entender que os benzodiazepínicos, família que inclui o Diazepan, o Rivotril ou o Valium, famosos na segunda metade do século XX, e que são utilizados entre humanos como ansiolíticos, anticonvulsivantes ou relaxantes musculares, entre os felinos e caninos, auxiliam no restabelecimento do apetite, sobretudo entre animais em estado anorético (OLIVEIRA et al, 2008): como me explicou Paula, “dá uma larica no bicho e ele acorda comendo de tudo”. Contudo, como ela me explicou, a restrição feita é a precaução à dependência - e depois de restabelecido o apetite inicial, a sugestão é o abandono da droga. O uso desses medicamentos começava a se tornar mais uma pista importante para algum entendimento dessa humanização dos animais²

Paula fazia um curativo no gato, de modo que a sonda permanecia imobilizada no pênis dele. Segundo ela, se a sonda fosse tirada ele não conseguiria urinar de novo, pois nas próximas horas o inchaço aumentaria e interromperia o fluxo. Enquanto tratava do gato ela conversava comigo e por vezes ainda se mostrava indignada com aquela situação, fazendo gestos negativos, balançando a cabeça enquanto olhava para o gatão estendido na mesa. Segundo ela, os bichinhos sofreriam assim, porque as pessoas os querem enquanto eles têm saúde; “quando ficam doentinhos eles deixam por conta, que nem brinquedo estragado”.

Eu apenas concordaria com a cabeça. Aquele cheiro de urina misturada ao sangue me deixaria um pouco nauseado pelo resto da tarde. Certamente era nostalgia e falta de informação, mas eu ainda pensava que os cães e gatos morriam de velhos, senão atropelados ou envenenados por algum vizinho descontente - uma ideia de “morte natural” que vinha a corroborar com aquele imaginário de uma natureza harmônica, poética. Contudo, na rotina da loja, animais obesos, cardiopatas, diabéticos ou mais comumente os gatos com seus problemas renais, e os cães com os digestivos, especialmente os constipados, faziam do uso indiscriminado de psicotrópicos uma rotina. Culpa, na maior parte das vezes e sempre repetido por Marcos e Paula, daquelas razões ruins.

Particularmente, eu nunca tinha comprado um saco de ração. O mais próximo disso eram minhas idas à agropecuária, acompanhando meu pai nas compras destinadas às galinhas ou vacas que ele e minha mãe criavam no sítio. Parecia que nós também comíamos comidas bem diferentes dessas de hoje - havia mais carne vermelha na mesa, como também mais carboidratos e calorias - que vinham daqueles “pratos pesados” - batatas, feijão, polenta, pães, cucas - que herdamos na minha região, da colonização alemã e italiana. Mesmo assim, não se falava tanto em obesidade, colesterol, hipertensão e todos esses males que nos atormentam hoje. Certamente, pensei eu ironicamente, os gatos e cães de hoje devem ser diferentes de aqueles que eu conhecia quando mais moço - esses não aguentam comer nada - são da geração Coca-Cola e Elma Chips, que agora engorda vendo anúncio de comida na TV, como tanto criticam as orientações médicas mais contemporâneas.

Num todo, a ironia não estava errada. Algumas patologias do trato urinário de felinos têm sido associadas às mudanças de hábitos desses animais. A urolitíase felina, também conhecida sob o rótulo geral de síndrome urológica felina - SUF é um exemplo que inclui diversos distúrbios idiopáticos que tem afetado gatos domésticos, os quais, segundo Wouters et al. (1998), têm sido caracterizados por hematúrias (sangue na urina), distúrias (dor ao urinar), disúrias (dificuldade para urinar), polaquiúrias (micção frequente) e obstrução uretral parcial ou completa, que era o caso daquele gato gordo.

No caso da obstrução renal, tem-se um mal que tipicamente acomete gatos machos. Isso se deve a sua característica anatômica: eles possuem a uretra mais fina e alongada, enquanto as fêmeas a têm mais curta e larga, o que faz com que elas sofram, mais comumente, de cistite (inflamação na bexiga) (GALVÃO et al, 2010). Segundo Wouters et al (1998, p. 499), no caso da urolitíase felina, a “obstrução é feita usualmente por um plugue arenoso, moldado à forma da uretra de gatos machos, constituído por cristais de estruvita, restos celulares e proteínas”. Disso, não se descarta a associação à má nutrição, pois segundo os autores, dietas secas ou com níveis elevados de magnésio, geralmente associadas a fosfato, são frequentes causadores da doença.

Num estudo veterinário recente, a má nutrição aparece de modo explícito como causa dos problemas com a saúde de animais domésticos, incluindo aqueles de ordem renal entre gatos (CARCIOFI & JEREMIAS, 2010, p. 39):

“Atualmente, pesquisadores e empresas buscam a produção de alimentos que atuem na prevenção das urolitíases por estruvita e oxalato de cálcio, os dois tipos mais comuns de urólitos. O desafio na formulação dos alimentos é conciliar as medidas preventivas, já que as mesmas são praticamente opostas em relação a cada um destes urólitos. Em geral, estruvita associa-se a um pH urinário alcalino e oxalato de cálcio a pH urinário ácido, sendo necessário se determinar, por meio da supersaturação urinária, o ponto de equilíbrio entre ambos.”

Para tanto, nos últimos anos tem sido demandados estudos científicos direcionados ao uso de nutrientes em favor da promoção da saúde, prevenção de doenças e melhoria na qualidade e no aumento da expectativa de vida de cães e gatos, de modo equivalente àquelas que tratam disso para os humanos (id. p. 35):

“Este direcionamento de pesquisas é, em grande parte, explicado pela importância que cães e gatos assumiram na vida das pessoas, fazendo com que as decisões alimentares dos proprietários com seus animais se assemelhassem às que adotam para si próprios.”

Não se trata de estabelecer mais limites básicos de mínimo e máximo de quantidades nutricionais. O foco é a qualidade da nutrição, em favor do bem-estar e da longevidade. Do ponto de vista dos próprios autores, isso reflete uma mudança no estatuto do animal (id. p. 36):

“Hoje inseridos na estrutura familiar, as informações científicas que resultam em impacto social e econômico requerem protocolos, métodos e propósitos de investigação totalmente diferentes, que se aproximam bastante da própria dinâmica investigativa da nutrição humana.”

Na antropologia, Kulick (2009) também discute questões contemporâneas referentes à alimentação de animais de estimação. Para ele, a obesidade de cães e gatos tem refletido a dissolução das fronteiras entre espécies:

“A obesidade como crise não é, nos dias de hoje, apenas um assunto humano. [...] Nos meios de comunicação de massa, há clamores cada vez mais comuns e cada vez mais estridentes de que estamos em meio a uma “epidemia” de obesidade de animais de estimação” (KULICK, 2009, p. 484).

Há pouco mais de um século, mostra o antropólogo, a indústria de alimentos para animais de estimação se esforçou para criar uma demanda, por meio de afirmações de que sobras da mesa e outras comidas com as quais os animais sempre tinham se alimentado não eram tão boas quanto aquelas industrializadas, sob a forma de rações. Atualmente, o que se vê é o desenvolvimento de alimentos tipo Premium, que possuem fórmulas especiais para etapas da vida ou para animais em dietas (CALMON DE OLIVEIRA, 2006; KULICK, 2009). Essas comidas, segundo Kulick (2009, p. 487) chegam a custar o dobro das normais e respondem pela parte mais emergente do segmento de comida animal - o grande filão é que “os animaizinhos estão ficando gordos. Eles têm muito a ganhar em nos convencer de que animais de estimação, tal como seus companheiros humanos, precisam de dietas especiais para atingir o suposto peso ideal”.

É interessante notar aqui o quanto ciência, política, mercado aparecem acionados nessas preocupações, como consoante com os trabalhos que inspirarem a minha ideia inicial de pesquisa. Desde *La Vie de Laboratoire*, de Latour & Woolgar (2006 [1979]), por exemplo, a antropologia tem dado mais atenção à produção de fatos científicos. De modo amplo, o que se passou a discutir é ideia de que a ciência não está livre dos interesses políticos, econômicos e de outras ordens que não aquelas cerradas na própria ciência. No caso explicitado, o que toma lugar de proeminência não é mais exclusivamente a evolução da medicina veterinária e a sua preocupação com o animal, mas o lugar que ele ocupa na qualidade daquilo que Ackrich (2006) bem chamou de utilizador ativo ou inovador da ciência e da produção. Ou seja, mais do que os cientistas, os engenheiros ou os profissionais do marketing, quem passa a configurar o jogo da inovação são os seus utilizadores, que traduzem os produtos concebidos e manufaturados, a partir de suas práticas e dos sentidos individualizados - nesse caso, aqueles que os donos projetam para os seus animais.

Mas havia ainda um algo a mais. A ração ruim não aparecia no discurso de Marcos propriamente tratada em termos de suas propriedades de composição. Tratava-se “dos novos tempos”, expressão que ele associava a “ração ruim”, como algo negativo, que paulatinamente roubou o velho paraíso do mundo veterinário. Ele me dizia que as rações mais baratas são feitas com os restos do que é selecionado para as “rações de primeira” - ou seja, elas não têm um controle tão grande e o que se utiliza, muitas vezes, são carnes de baixa qualidade, cheias de hormônios, sal ou quaisquer “outras porcarias” que o organismo dos animais de

pequeno porte, sobretudo os gatos, não consegue digerir satisfatoriamente. Esses resíduos vão se acumulando e formando os cálculos. No entanto, os problemas não se resumem a isso, continuava ele - nos cães, infecções digestivas também eram cada vez mais comuns e era um dos principais motivos de internação na loja. Mesmo assim, ele as vendia também, sob a justificativa de que eram muito procuradas e tão logo, rentáveis - faz tempo que sabemos que os nossos dragões são criados em casa.

Mesmo assim, a questão é que aquilo tudo me parecia controverso. Mesmo que eu não tivesse mais nenhum animal - como muito me questionavam os dois veterinários e outros tantos colegas que queriam justificativas para a minha pesquisa, eu tentava explicar que eu já havia tido mais de um cachorro e também alguns gatos, mas que as coisas eram diferentes. Na verdade, houve um tempo em que meus pais foram acolhendo os gatos que apareciam lá em casa; eles moram em um sítio e há um grande rancho por lá, com estábulos para as vacas, um depósito de milho, madeiras e outras coisas. Os gatos ficavam por lá caçando os possíveis ratos. Como recompensa, pela manhã e pela noite minha mãe deixava em uma gamela um pouco do leite que tirava das vacas. Daí eles foram chegando e ficando até que teve um dia em que achamos que alguém na vizinhança havia envenenado carne ou que eles haviam comido algum rato morto por veneno - pois muitos deles morreram em uma mesma semana e outros adoeceram bastante - mas que no fim das contas outros ainda continuam por lá. Havia sido triste, eu contei, mas como eu vivia na correria da faculdade e do trabalho, nem acompanhei a coisa toda, só sabia à noite ou no dia seguinte quando minha mãe ou meu pai me diziam “morreu mais um, morreu mais dois”.

A minha experiência com cães e gatos era a de que eles eram simplesmente animais, como os outros do sítio de meus pais - eu até gostava mais dos gatos, mas sabia que eles serviam para caçar os ratos, e com os cães, quando tínhamos, meu convívio era menor, pois eu não gostava do cheiro e tinha um pouco de medo, desde que um tinha me mordido, quando criança. Para mim, eram apenas guardas. Quando eu via veterinários no sítio, sabia que deveria haver alguma vaca adocida ou prestes a receber inseminação artificial. Outros vinham para aplicar vacinas no gado, pois minha família vendia algumas rezes para açougues locais e precisava manter controle sobre a febre aftosa ou o carbúnculo. Eles nunca vinham até lá por conta dos cães ou gatos - desde cedo eu sabia que eles morriam de velho, de peste ou envenenados.

Nisso, por exemplo, Swabe (1999) é enfática ao se mostrar convencida de que a relação entre seres humanos e animais foi radicalmente alterada no século XX. No seu estudo sobre as transformações da medicina veterinária, ela sugere que isso pode ser demonstrado pelo uso da ciência e da tecnologia para o confinamento de animais de fazenda no cenário da agroindústria, particularmente no que diz respeito aos animais de estimação:

“For many pet-owners, it has now become routine to pay an annual visit to the vet’s to have their animals vaccinated, along with a general check-up. Consultations for vaccination and parasite control in fact account for a great proportion of the small-animal practitioner’s daily activities and income. Animal disease control is, therefore, as large a part of the routine work of the small-animal practitioner as of the rural veterinarian.” (SWADE, 1999, p. 126).

Como ainda sugere a autora, hoje a medicina veterinária, em particular dos pets é equivalente àquela dos humanos - e lá na loja, ao vê-los tratados assim, eu me perguntava se aqueles modos de se explicar a morte repentina daqueles animais era mais uma crença daquelas que vamos compartilhando ou se a humanização desses animais implica em mais investimentos do que

os mimos e afagos. Parece-me que eles não ganharam apenas o acesso ao interior da casa, roupinhas, rações e direitos - ganharam colesterol, problemas renais, câncer ou depressão. A humanidade tem um custo, e ele não era apenas financeiro.

Michel Foucault (2005), naquela sua ideia já bastante conhecida de traçar vínculos entre o que ele chama de sistemas de verdade e as práticas sociais e políticas de uma dada época, ajudou-me a pensar essa questão. A partir dela, no entendimento desse autor, o conhecimento coincide com a sua própria produção, ao mesmo tempo em que essa produção é responsável pela emergência de novas formas de subjetividade. Na sua provocação (2005, p. 08): “práticas sociais podem chegar a engendrar domínios de saber que não somente fazem aparecer novos objetos, novos conceitos, novas técnicas, mas também fazem nascerem formas totalmente novas de sujeitos e de sujeitos de conhecimento”.

Na minha infância, eram apenas bichos. Hoje são quase gente ou mesmo gente, mas continuam mantendo a mesma aparência - aquelas coisas permaneceram, mas os discursos mudaram, e com isso novos objetos, novas técnicas e novos sujeitos de conhecimento. Eles têm nome: são Joujou e outros tantos. Certamente, mesmo aqueles veterinários que eu conhecia na infância não são os mesmos que eu segui em campo. A complexificação desses diagnósticos e tratamentos começa a ganhar corpo, na mesma proporção em que um conjunto de práticas se constitui como novas rotinas médico-veterinárias que, por conseguinte, estimulam investimentos em novos serviços e novos produtos. Enfim, como bem resume Foucault (2005), trata-se de tomar o conhecimento como o resultado, sempre provisório, de uma aposta. Numa comparação rasa, a ideia geral de uma humanização dos animais, tão em voga recentemente, provoca efeitos como aquilo que Latour (2001 e 2011) já problematizou ao refletir sobre os micróbios de Pasteur - eles inventaram um novo mundo: eles não aparecem a olho nu, mas com eles apareceram as vacinas e toda uma gama de explicações médicas para problemas antes tratados como “pestes” ou “maldições”, apareceram também as lentes de microscópio, as usinas de processamento de cristais para a sua produção, etc. Enfim, eles permitem ou acionam a criação de novas realidades - transformam sentidos e ações.

As humanidades de um animal de estimação

Em um texto que se tornou um clássico sobre os debates entre biologia e antropologia, Ingold (1994) sugere que aquilo que respondemos por humanidade repousa em grande parte na negação da animalidade, tratada sempre como uma deficiência de tudo aquilo nós humanos supostamente temos - e inclua-se aqui a linguagem, a razão ou a consciência moral. Ou seja, tudo aquilo que de uma forma geral nos faz equivaler aos animais de estimação, quando negamos a ele também a sua própria animalidade. Não obstante, paradoxalmente, nós mesmos nos lembramos de que, *no fundo*, o humano também é *ainda* um animal e a humanidade apenas ganha sentido quando comparada aos outros animais não humanos (INGOLD, 1994). Aqui, temos para esse autor, um paradoxo cujo ponto comum é o antropocentrismo: de um lado, esse antropocentrismo se caracteriza “culturalisticamente”, posto que suponha somente ao humano a possibilidade de simbolização e de diferenciação entre os seus através de suas capacidades de volição e consciência³. De outro modo, ele aparece na definição naturalista de homem como uma espécie animal, cuja suposta diferença reside justamente no fato de sua diferença se sobressair à massa de todos os demais animais tomados como essencialmente iguais e fadados a seguir programações genéticas. Assim, não ficaria difícil responder o porquê de conseguirmos

olhar para outros humanos e tê-los, mesmo que iguais *enquanto espécie*, de sensivelmente à completamente diferentes entre si, uma vez que a todos nós mesmos atribuímos capacidades diferentes e singulares de variações, inerentes à humanidade. Isto não é uma questão de *tipos*, tampouco de essências, alerta Ingold (1994; 2004), antes sim, trata-se da capacidade de singularização que nós atribuímos a nós mesmos. Entretanto, o difícil é responder o porquê de não percebermos gatos ou cachorros ou quaisquer outros animais, especialmente aqueles mais distantes do convívio humano, como singulares entre si. Atribuímos a eles uma homogeneidade própria de uma programação biológica essencial - da espécie, cujas pequenas diferenças resultam, dentro de uma gama possível de variabilidade, de também pequenas possibilidades de arranjos e rearranjos genéticos - que chamamos de raça. Em outras palavras, os animais *não humanos* são para nós naturalmente biológicos, enquanto que os animais *humanos* são biológicos e algo a mais. O que passa a se tornar interessante é constatação que desde os gatos com problemas renais aos cães constipados, os obesos ou com câncer ou as cadelas com depressão que acompanhei em campo, a medida para o diagnóstico e tratamento era feita a partir de correlatos da medicina destinada aos humanos. A isso corresponde a provocação de que, se por um lado os cães e gatos são “outros humanos” porque compartilham dos nossos estilos de vida, nossos hábitos alimentares ou nossas doenças, nós somos “outros animais”, pois dividimos com eles as mesmas propriedades orgânicas. A humanização deles está assegurada pela nossa animalidade e vice-versa (SEGATA 2012a)⁴.

À noite, todos os gatos são pardos, conta o dito popular. É, claro, ele traz consigo outros sentidos - mas literalmente, da loja de Marcos, muitos dos gatos consultados saíam cheirando a Dolce & Gabbana ou Dior, vestindo modelos alinhados às tendências da alta costura internacional, com unhas lixadas, pelos tratados ou curados dos seus males da bexiga ou rins. Outros ainda, como o Joujou de Freyre, não são apenas mais um dentro de uma série - são indivíduos, vitorianos e pomposos - típicos gatos fidalgos. Ou melhor, o que faz um gato ser fidalgo e não uma peça igual a outra dentro da espécie?

As roupas, os perfumes, os nomes e mimos oferecidos aos animais de estimação poderiam ser tomados, literalmente, como a composição de um personagem⁵, que cumpre um duplo papel - permite a relação e cria a distinção dentre das peças aparentemente iguais de uma dada espécie. Como aponta Ingold (2000), isso é comum entre os ocidentais, pois falarmos de pessoas é falarmos de pensamentos, intenções e ações de seres humanos. *Pessoa e humano* são totais e sinônimos e em alguns casos estendem-se para falar dos animais não humanos, como aqui, no caso dos animais de estimação dos quais se fala *como se fossem pessoas*, vivendo na casa de humanos e sendo quase membros de suas famílias - alguns mesmo, sofrendo as mesmas aflições e patologias. Isso, seguindo os argumentos do autor, obscurece as fronteiras entre humanidade e animalidade uma vez que vestindo roupas e sendo-lhes atribuídos sentimentos e vontades humanas, eles têm sobre si nossa humanidade estendida. Mesmo assim, no entendimento desse autor, ainda que *se for uma pessoa é ser um humano*, paradoxalmente os animais podem ser apenas pessoas se estendermos nossa humanidade a eles.

Os ácidos graxos essenciais, ômega 3 e 6, farinha de carne de aves desidratada, arroz quebrado, proteína isolada de suíno, gordura animal estabilizada, gordura de frango, milho integral moído, óleo de peixe refinado, óleo vegetal, polpa de beterraba, farelo de soja, hidrolisado de fígado de frango, antioxidante, premix vitamínico mineral, premix micromineral transquelatado, baixa caloria, sem conservantes. Com frequência eu lia os rótulos das rações vendidas na loja de Marcos, especialmente depois que ela as empregava em suas receitas, para a continuidade do tratamento aos animais atendidos. Processar

todos esses compostos e atender plenamente aos apelos de seus bons efeitos, como um corpo sadio, pelo liso e brilhoso, desenvoltura nas atividades cotidianas, são algumas dessas habilidades que transformam esses animais em algo mais. Paula sempre me explicava que cada raça, idade ou situação de cães ou de gatos tinha características próprias - uns de boca pequena ou em lactação ou em idade avançada ou em troca de pelo - machos, fêmeas, em crescimento, com colesterol, obesos, magros - cada um tem sua ração específica, cuidadosamente projetada para as suas características. Isso fazia parte desse processo de singularização desses animais, que os retirava do rótulo geral da espécie e da raça, conforme aponta a discussão de Ingold (1994, 2000, 2004), e para isso é preciso equilibrar animalidade e humanidade em doses precisas. Ou seja, para um gato qualquer vire Joujou é preciso o desenvolvimento de *habilidades para* - que vão desde o reconhecimento do lugar correto para a defecação ou urina, até a regulação do nível de decibéis dos seus miados. Não se nasce um “gato humano”, é preciso desenvolver habilidades para isso. Ainda assim, é preciso problematizar a ideia de humanidade e de animalidade nesses debates, já que em geral eles formam referências genéricas que produzem sentido uma a outra e entificam essas instâncias.

Particularmente, eu não trabalhei com animais de estimação humanizados - eu trabalhei com Belinha (SEGATA, 2014), com Pink (SEGATA, 2012b, 2012c), com George (SEGATA, 2012a) e outros entes singulares que não eram nem animais, nem cães, nem gatos, nem raça, nem gente. Mas em alguma medida, ainda falta-me alternativas para pensa-los fora da referência a uma humanidade genérica e metafórica que os englobasse de modo a fazer desaparecer tanto as suas *animalidades* quando as suas individualidades. Assim, à moda como bem alertou Dumont (2003) a propósito do individualismo, essa ideia genérica de humanidade também nos remete à imagem de um sujeito empírico que é membro e condição fundamental de qualquer sociedade (raça ou espécie) e, ao mesmo tempo, como valor moral, cultural e antropocentrado, que reforça e enfatiza a própria configuração de uma ideologia moderna. Em outros termos, talvez seja a questão de avaliarmos o tipo de predação que é operada por aquilo que Agamben (2013, p. 45-54) chamou de “máquina antropológica do humanismo”. Como bem notado por esse filósofo, Lineu, o pai da taxonomia científica moderna, já dizia que o homem não possui nenhuma identidade específica que não aquela de poder reconhecer-se - o homem é o animal que deve reconhecer-se humano para sê-lo. Temos aqui uma espécie de ontologia atribuída em primeira pessoa que ganha sentido quando contrastada com aquela do animal, então estabelecida por nós a eles, em terceira pessoa, nesse nosso fetiche em querer dizer o que é e o que não é. Lineu nunca escondeu sua queda pelos símios, mas os privou de alma - para ele, do ponto de vista das ciências naturais, a identificação da diferença entre um símio antropomorfo e o homem é uma tarefa árdua. É claro, no campo moral, as coisas são nitidamente diferentes, já que “o homem é o animal que o Criador considerou digno de honrar com um mente maravilhosa” e o escolher como seu favorito. No entanto, e mesmo assim, Lineu conclui que no seu laboratório isso não faz diferença nenhuma e a única distinção que ele consegue encontrar entre o homem e o símio é o espaço vazio que esses últimos possuem entre os caninos e os outros dentes. É por isso que Agamben (2013, p. 53) afirma que “a máquina antropológica do humanismo é um dispositivo irônico”. Ela produz o homem a partir de uma ausência, já que o mantém “suspense entre uma natureza celeste e uma terrena”, fazendo do seu ser sempre menos e mais do que ele próprio naquilo que o autor chama de impolítica ou projeto de gestão integral da vida biológica, que a humanidade (moderna) tomou para si como sendo o seu *métier*.

Considerações finais

Também é preciso lembrar que, até chegarem ao posto de “nossos bebezinhos”, “lindinhos da mamãe e do papai”, “feis companheiros” - serem qualquer sorte de gato fidalgo, um Joujou ou um glutão - e viverem em nossos lares, motivarem manifestos ou se tornarem o foco da atenção de gestos médicos e estéticos, houve um longo caminho a ser percorrido por alguns animais, agora, chamados de estimação. Isso incluiu, necessariamente, uma série de investimentos que acalmaram ou que tentaram tornar invisíveis as suas pulsões naturais - o que chamamos de domesticação (que é uma espécie de colonização, com alguma reciprocidade). Contudo, hoje isso aparece sob formas mais complexas: latir, rosnar, urinar, mostrar as garras foram algumas das vantagens evolucionárias que permitiram que cães e gatos garantissem a sua alimentação ou protegessem o seu território e prole. Mas isso não combina com a decoração da sala de estar de nenhum apartamento, o que faz com que animais que se comportem dessa forma sejam diagnosticados como “doentes mentais”, medicáveis com psicotrópicos (VLAHOS, 2008). Igualmente, as suas habilidades de captura de outros animais, foram substituídas pelas tigelas de ração industrializada, com o balanço certo de componentes que fazem produzir fezes sem odor e de consistência apropriada para não sujar o chão. Além de não provocarem mais o nosso mal estar. E nem faz muito tempo, que cães e gatos de estimação morriam de velhos. Hoje, eles são obesos, sofrem com o colesterol, o diabetes, a pressão alta, os problemas renais, e mais recentemente, com a ansiedade e a depressão (SEGATA, 2012c).

Digard (1999), que é um crítico da ideia de domesticação como um fato localizado em um dado período da história sob uma única forma de ação, cunhou a noção de “sistema domesticatório”. Para ele, é preciso que se esteja atento às diversas formas que em cada época se operam formas de transformar os animais em favor do homem:

“À chaque situation concrète correspond un système domesticoire particulier, qui se compose de tout ce que l’homme investit dans la production et l’utilisation d’animaux: en action technique, en organisation sociale, en pensée (consciente ou inconsciente), en représentations, etc.”(DIGARD, 1999, p. 14).

Ao concordar com Digard (1999), eu sugiro que hoje, no contexto particular de minhas pesquisas em clínicas veterinárias e *pet shops*, a domesticação parece se dar muito menos pelo desenvolvimento ou modulação de habilidades para uma vida conjunta do que pela decodificação do animal em uma linguagem biomédica, criada e dominada pelo homem. Elas incluem um amplo escopo de procedimentos que permitem diagnósticos cada vez mais precisos, com referências a padrões de estética e saúde programados para cada raça ou espécie de animal de companhia. Associado a isso, esses novos Joujous contam com uma indústria farmacêutica cada vez mais presente no cotidiano de veterinários e clientes dessas lojas de animais. Com isso, as manhas de Joujou de Freyre hoje se traduzem em problemas psiquiátricos. A fidalguia e a fanfarronice daquele gato, em sobrepeso e agitação. Para esses *novos Joujous* o vocabulário biomédico trouxe novas formas de domesticação.

Por fim, o que eu procurei mostrar nesse trabalho a partir de exemplos empíricos do acompanhamento das práticas de médicos veterinários, pode ser resumido na ideia geral de que a relação entre humanos e animais não se sustenta apenas pela suposta partilha, por assim dizer, de um universo cultural. Ela se nutre, igualmente, de equivalências biológicas que permitem a partilha de diagnósticos e tratamentos medicamentosos à base de fármacos. Não partilhamos apenas roupas, alimentos, a mesma casa ou alguns nomes de família; possuímos

uma anatomia e uma fisiologia que respondem a determinados padrões biológicos, os quais, na sorte ou azar de sermos animais, nos tornam semelhantes. Temos um trato urinário, que acumula cálculos e inflama problemas com dietas compostas por comidas de má qualidade ou um cérebro com processos neuroquímicos, que em desequilíbrio nos torna agressivos, apáticos ou depressivos (SEGATA, 2012a). Mas isso, é claro, passou a ser discutido com a emergência da biomedicina, que colocou o fisicalismo no centro das explicações contemporâneas em saúde e doença (DUARTE & CARVALHO, 2005; AZIZE, 2010). Assim, as humanidades de um animal são formas contingenciais. Elas são menos importantes em suas caracterizações do que nos ordenamentos e ações que se tem feito em nome delas. Mais aquém das questões teórico-ideológicas desse ponto, em termos práticos, hoje, quando uma pedra interrompe o fluxo de urina, distende a bexiga e intoxica o sangue de um gato até a sua inconsciência é necessário enfiar uma sonda grosseira na sua uretra até o desentupimento. Isso tem modificado o tipo de relação que se estabelece com esses animais, em um recorte enviesado pela centralidade biológica - o que não implica, é claro, em relações “naturais” (SANTOS-FITA; COSTA NETO, 2007), mas numa espécie biologia como cultura. Joujou estava assim para a cultura como o gato gordo com cálculos renais para uma cultura da natureza. Nisso, a questão a ser colocada, como já fez Rabinow (1999), é a do que nos trouxe a esse caminho desde o último século: ou seja, que tipo de controle tem sido exercido sobre nossas vidas, que opera agora em um nível biológico?

NOTAS

¹ Gilberto Freyre. “Recordação de Joujou”. Publicado originalmente em *Diário de Pernambuco*, 27 de abril de 1969.

² Em 2009, uma reportagem especial na revista *Superinteressante* (ed. 263, março de 2009) afirmava que 77% dos cães de estimação tomam algum tipo de medicamento. Segundo a reportagem, trata-se de um jeito moderno de resolver os problemas desses pequenos animais. Não é o tema em discussão, mas interessante também, é notar que faz algum tempo que existe o consumo de medicamentos de uso veterinário (equinos e bovino) entre humanos, especialmente com fins anabólicos.

³ *Culturalístico*, porque se refere ao “culturalismo” como tradição antropológica e não simplesmente à cultura.

⁴ A Filosofia da Biologia, responde a isso por outro caminho - para ela, seguindo Leal-Toledo (2011, p. 50-52), “ainda estamos presos a um modo essencialista de pensar sobre a natureza”. Para o autor, o principal problema da visão essencialista - para ele, aquela ainda presa à *scala naturae* e não ao *pensamento populacional*, próprio do evolucionismo - tem como problema chave a concepção errônea de que todos os indivíduos de uma mesma espécie são idênticos entre si - com pequenas diferenças aparentes ou superficiais. Nesse caso, a explicação para o fato de que muitos de nós ainda acreditarmos que todas as zebras ou lulas são iguais, se dá pelo equívoco de julgarmos isso baseados no uso comum de nossos cinco sentidos: “um indivíduo visualmente muito semelhante ao outro será considerado por nós como idêntico, mesmo que o cheiro deles seja completamente diferente. Mas se tal espécie se distingue internamente pelo cheiro, então eles mesmos se julgarão completamente diferentes. Morcegos de uma mesma espécie, por exemplo, costumam ser, para nós, idênticos entre si, pois são visualmente muito semelhantes, mas, para eles, são completamente diferentes, pois se identificam pelo som e pelo cheiro”.

⁵ No sentido que Marcel Mauss carrega esse termo. Em um texto que data de 1938, já se preocupou em romper com a visão natural de um eu ao explorar a ideia de pessoa como uma categoria de entendimento. Ele analisa documentos históricos e etnográficos, que culminam situando a forma como a noção de pessoa é empregada como fato moral e como ela encontra sua base metafísica segura com o cristianismo. Para ele, há, nessa noção, uma ambiguidade: “o personagem que cada um é e quer ser [e] o seu caráter, a verdadeira face [...] ela conserva ainda um sentido de imagem superposta [...] como] estende-se a palavra a indivíduo em sua natureza nua, arrancada toda a máscara,

conservando-se em contraposição, o sentido do artifício: o sentido do que é a intimidade dessa pessoa e o sentido do que é o personagem” (MAUSS, 2003, p. 390).

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. *O Aberto: o homem e o animal*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
- AKRICH, Madeleine. Les Utilisateurs, Acteurs de L’Innovation. In: AKRICH, M.; CALLON, M.; LATOUR, B. *Sociologie de la Traduction: textes fondateurs*. Paris: Mines Paris, 2006, p. 257-265.
- AZIZE, Rogério. *A Nova Ordem Cerebral: a concepção de ‘pessoa’ na difusão neurocientífica*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Rio de Janeiro: Museu Nacional/UFRJ, 2010.
- BAUMAN, Zygmunt. *Vida Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- CARCIOFI, Aulus Cavalieri; JEREMIAS, Juliana Toloi. “Progresso Científico sobre Nutrição de Animais de Companhia na Primeira Década do Século XXI”. *Revista Brasileira de Zootecnia*, v. 39, p. 35-41, 2010 (suplemento especial).
- DIGARD, Jean-Pierre. *Les Français eu Leurs Animaux: ethnologie d’un phénomène de société*. Paris: Fayard, 1999.
- DUARTE, Luis Fernando Dias; CARVALHO, Emilio. Religião e Psicanálise no Brasil Contemporâneo: novas e velhas *Weltanschauungen*. *Revista de Antropologia, São Paulo, USP*, v. 48 n. 2, 2005, p. 473-500.
- DUMONT, Louis. *O Individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro, Rocco, 2003.
- FOUCAULT, Michel. *A Verdade e as Formas Jurídicas*. 3. ed. Rio de Janeiro, Nau Editora, 2005.
- FONSECA, Edson Nery. Apresentação. In: _____. *Pessoas, Coisas e Animais*. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1980, p. 01-13.
- FRANKLIN, Adrian. *Animals & Modern Cultures: a sociology of human-animal relations in modernity*. London: Sage, 1999.
- FREYRE, Gilberto. Recordação de Joujou. In: _____. *Pessoas, Coisas e Animais*. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1980a, p. 377-379.
- _____. Bichos Reais e Imaginários. In: _____. *Pessoas, Coisas e Animais*. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1980b, p. 382-385.
- _____. Homens, Casas, Animais e Barcos no S. Francisco. In: _____. *Pessoas, Coisas e Animais*. 2.ed. Rio de Janeiro: Globo, 1980c, p. 385-391.
- GALVÃO, André et al. Obstrução Uretral em Gatos Machos: relato de sete casos. *Revista Científica Eletrônica de Medicina Veterinária*, Garça (SP), ano VIII, n. 15, junho de 2010, p. 01-31.
- GIOVANINNI, Luciano; PIAI, Viviane. *O Uso da Acupuntura no Auxílio à Terapia da Doença Idiopática do Trato Urinário Inferior dos Felinos*. *Ciência Rural*, Santa Maria, v. 40, n. 3, p. 712-717, 2010.
- INGOLD, Tim. Humanity and Animality. In: _____ (ed.). *Companion Encyclopedia of Anthropology*. London: Routledge, 1994, p. 13-32.
- _____. A Circumpolar Night’s Dream. In: _____. *The Perception of the Environment: essays in livelihood, dwelling and skill*. London: Routledge, 2000.
- _____. Beyond Biology and Culture: the meaning of evolution in a relational world. *Social Anthropology*, 2004 (12)2, 209-221.

- KULICK, Don. Animais Gordos e a Dissolução das Fronteiras entre as Espécies. *MANA* 15(2), 2009, p. 481-508.
- LATOUR, Bruno. *A Esperança de Pandora: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos*. Bauru, Edusc, 2001.
- _____. *Pasteur: guerre et paix des microbes suivi de irreductions*. Paris: La Découverte, 2011.
- LATOUR, Bruno; WOOLGAR, Steve. *La Vie de Laboratoire: la production des faits scientifiques*. Paris: La Découverte, 2006.
- LEAL-TOLEDO, Gustavo. Filosofia da Biologia: problemas de encaixe - o que mantém as espécies distintas? In: MACHADO, Nivaldo; SEGATA, Jean (org.). *Filosofia(s)*. 2. ed., revista e ampliada. Rio do Sul: Editora UNIDAVI, 2011, p. 47-62.
- MAUSS, Marcel. Uma Categoria do Espírito Humano: a noção de pessoa, a de 'eu'. In: _____. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003, p. 367-400.
- OLIVEIRA, Juliana et al. Nutrição Clínica em Animais Hospitalizados: da estimulação do apetite à nutrição parenteral. *Revista da FZVA, Uruguaiana*, v. 15(1), 2008, p. 172-185.
- RABINOW, Paul. Artificialidade e Iluminismo: da sociobiologia à biossocialidade. In: _____. (João Biehl, org.). *Antropologia da Razão: ensaios de Paul Rabinow*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1999, p. 135-158.
- Revista Superinteressante, março de 2009 - *Fuga das Relações*: pesquisa revela que 18% dos brasileiros preferem a companhia de seu *pet* no Dia dos Namorados.
- SANTOS-FITA D; COSTA NETO, E. M. As Interações entre os Seres Humanos e os Animais: a contribuição da etnozootologia. *Biotemas* 20(4); 2007, p. 99-110.
- SEGATA, Jean. Tristes Amis: la médicalisation chez les chiens de compagnie avec dépression dans le sud du Brésil. In: *Connaissances no(s) limit(es). Annales du I Congrès d'Association Française d'Ethnologie et d'Anthropologie – AFEA*. Paris: AFEA. Paris: EHESS, 2011, p. 56-56.
- _____. *Nós e os Outros Humanos, os Animais de Estimação*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Florianópolis: UFSC, 2012a.
- _____. Tristes (Psycho)Tropiques: le monde des chiens dépressifs au sud du Brésil. In: KECK, Frédéric; VIALLES, Noëlie. (eds.). *Des Hommes Malades des Animaux*. Paris: L'Herne, 2012b, p. 151-158.
- _____. Os Cães com Depressão e os seus Humanos de Estimação. *Anuário Antropológico*, v. II: 2012c, p. 177-204.
- _____. A Agência de um Projeto, o Paraíso Vegetariano e outros Inconvenientes com a Humanidade dos Animais de Estimação na Antropologia. *Revista Antropológicas*, v. 24, 2014, p. 45-65.
- SWABE, Joanna. *Animals, Disease and Human Society: human-animal relations and the rise of veterinary medicine*. London: Routledge, 1999.
- TOLEDO-PINTO, Eliana; RENNÓ, Pauyra. Insuficiência Renal Crônica em Cães e Gatos: revisão de literatura. *Revista Científica Eletrônica de Medicina Veterinária*, FAEF - Garça/SP, ano 5, n.16, 2008, p. 134-139.
- WOUTERS, Flademir et al. Síndrome Urológica Felina: 13 casos. *Ciência Rural*, Santa Maria, v. 28(3), 1998, p. 497-500.
- VLAHOS, James. Animais de Estimação Movidos a Drogas. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 11, n. 3, 2008, p. 449-469.

